



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS

JAIZA DE OLIVEIRA MOURA

**VIVÊNCIAS SOBRE O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO: RELATOS DOS
SURDOS DA ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE CARAÚBAS (ASCAR)**

CARAÚBAS-RN

2024

JAIZA DE OLIVEIRA MOURA

**VIVÊNCIAS SOBRE O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO: RELATOS DOS
SURDOS DA ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE CARAÚBAS (ASCAR)**

Monografia apresentada à Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como requisito
para obtenção do título de Licenciada em
Letras Libras.

Orientadora: Profa. Ma. Mifra Angélica
Chaves da Costa

CARAÚBAS-RN

2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Mv Moura, Jaiza De Oliveira Moura.
 Vivências sobre o processo de escolarização:
 relatos dos surdos da associação de surdos de
 Caraúbas (ASCAR) / Jaiza De Oliveira Moura Moura.
 - 2024.
 46 f. : il.

 Orientadora: Mifra Angélica Chaves da Costa
 Costa.
 Monografia (graduação) - Universidade Federal
 Rural do Semi-árido, Curso de Letras/Libras,
 2024.

 1. surdos; . 2. associação; . 3. escolarização;
 . 4. ASCAR;. 5. Caraúbas-RN.. I. Costa, Mifra
 Angélica Chaves da Costa, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Biblioteca Campus Caraúbas
Bibliotecária: Dalvanira Brito Rodrigues
CRB: 15/700

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

JAIZA DE OLIVEIRA MOURA

**VIVÊNCIAS SOBRE O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO: RELATOS DOS
SURDOS DA ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE CARAÚBAS (ASCAR)**

Monografia apresentada à Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como
requisito para obtenção do título de
Licenciada em Letras Libras.

Defendida em: 14 / 10 / 2024

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MIFRA ANGELICA CHAVES DA COSTA**
Data: 22/10/2024 08:56:28-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Ma. Mifra Angélica Chaves da Costa (UFERSA)
Presidente

Documento assinado digitalmente
 **ELDIO PINTO DA SILVA**
Data: 14/10/2024 17:32:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Eldio Pinto da Silva (UFERSA)
Membro Examinador

Documento assinado digitalmente
 **JOAO BATISTA NEVES FERREIRA**
Data: 14/10/2024 20:47:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. João Batista Neves Ferreira (UFERSA)
Membro Examinador

Dedico essa pesquisa em especial às minhas avós Rita Maria da Conceição e Maria Dalva da Conceição (in memoriam) e também aos meus avós Severino De Oliveira e Joaquim Moura (in memoriam), eles que são um exemplo para mim, sempre serão lembrados.

Aos meus pais Maria Das Neves Oliveira e Josimar Moura da Silva, pois são minha inspiração diária.

Meus irmãos Jailson Moura da Silva, Jailma De Oliveira Moura e Jandeilson De Oliveira Moura, vocês são a minha força.

Ao meu companheiro Julian Moura Pessoa, sem ele esse sonho não poderia ser realizado.

E para o rei dos reis, meu Deus.

Obrigado meus amores. Amo cada um.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter permitido que esse sonho se realizasse, porque sem ele nada disso seria possível, sempre ao pensar em desistir o Senhor me mostrava um jeito de seguir em frente, em cada fase dessa jornada, seja nos momentos bons e fáceis e também nos difíceis não deixou que baixasse a cabeça para nada nem ninguém.

Agradeço aos meus pais, Maria das Neves Oliveira e Josimar Moura da Silva por me apoiar sempre, por me orientar, por estarem comigo, saibam que são um exemplo para mim, pois vocês são dois guerreiros que mesmo sem saber ler e escrever conseguiram fazer com que eu me formasse, sei que sempre deram o melhor de vocês para que eu e meus irmãos tivéssemos o que merecíamos.

Agradeço a meus irmãos Jailson Moura da Silva, Jailma de Oliveira Moura e Jandeilson de Oliveira Moura por permitirem que essa trajetória fosse mais leve, vocês são um exemplo de força e dedicação, saibam que me inspiro em cada um.

Agradeço ao meu companheiro Julian Moura Pessoa por me ajudar em todos os momentos da minha formação, és um homem muito especial, sempre me aconselhando no que seria bom para mim.

Agradeço às minhas amigas Josefa Herone Monte de Góis, Laiane Soares de Oliveira, Maria do Socorro Abel e a Maria Vitória de Brito Cosmo por estarem sempre comigo, essa minha caminhada foi mais incrível com cada uma ao meu lado, sempre apoiando, tendo paciência, ajudando umas as outras, admiro a determinação de vocês, sei que são capaz de tudo e muito mais.

Agradeço a toda minha família, pais, esposo, amigas, avós, avôs, tios, tias, primos, primas, cunhadas, sobrinho, sobrinha, sogra, que mesmo alguns estando longe sempre buscam estar presentes, amo todos.

Agradeço aos meus professores em especial a minha professora e orientadora Mifra Angélica Chaves da Costa por toda paciência, que sempre estava pronta para tirar minhas dúvidas e me ajudar, és uma mulher incrível.

Agradeço a Banca Examinadora por aceitarem fazer parte desse ciclo e ajudarem na finalização desse sonho.

Sou grata a todos vocês por fazerem parte da minha formação, saibam que vão ficar marcados na minha história, muito obrigada.

"A cultura surda exprime valores, crenças que, muitas vezes, se originaram e foram transmitidas pelos sujeitos surdos de gerações passadas ou de seus líderes bem sucedidos, através das associações de surdos".

(Karin Lilian Strobel)

RESUMO

A comunidade surda atravessou muitas dificuldades, que geraram inúmeros sofrimentos. Isso se estende ao processo de escolarização, pois não foi diferente e para obter seus direitos tiveram que lutar e enfrentar os obstáculos. Por isso, busca-se saber como ocorrem as vivências escolares e o processo de escolarização dos surdos da ASCAR (Associação de Surdos de Caraúbas)? Com o objetivo de analisar as vivências de escolarização dos surdos que participam da associação (ASCAR) de Caraúbas no Rio Grande do Norte. Para isso, os autores que embasaram essa pesquisa são: Gladis Perlin e Karin Strobel (2014); Betina S. Guedes (2012); Graciele M. Kraemer (2012); Adriana da Silva Thoma (2012); Maura C. Lopes (2012); Adriano Gianotto e Liliam Veronese (2022). A metodologia dessa pesquisa é de abordagem qualitativa e pesquisa de campo. O lócus foi a Associação de Surdos de Caraúbas (ASCAR), tendo como sujeitos dois surdos. Os principais resultados obtidos foram que os surdos ainda sofrem no período de sua escolarização mesmo sendo entre os anos de 2017 a 2023, seja com falta de comunicação com professores, alunos, por falta de intérprete no começo de sua escolarização e também por dificuldades, incômodo (bullying, preconceito) dos colegas de classe. Percebe-se que as leis existem, mas algumas ações precisam avançar para se efetivar o direito linguístico, a aprendizagem e desenvolvimento dos surdos no âmbito escolar.

Palavras-chave: surdos; associação; escolarização; ASCAR; Caraúbas-RN.

ABSTRACT

The deaf community has gone through many difficulties, which have caused countless suffering. This extends to the schooling process, as it was no different and to obtain their rights they had to fight and face obstacles. Therefore, I seek to know how the school experiences and the schooling process of deaf people at ASCAR (Associação de Surdos de Caraúbas) occur? With the aim of analyzing the schooling experiences of deaf people who participate in the association (ASCAR) of Caraúbas in Rio Grande do Norte. For this, the authors who supported this research are: Gladis Perlin and Karin Strobel (2014); Betina S. Guedes (2012); Graciele M. Kraemer (2012); Adriana da Silva Thoma (2012); Maura C. Lopes (2012); Adriano Gianotto and Liliam Veronese (2022). The methodology of this research is a qualitative approach and field research. The locus was the Caraúbas Association of the Deaf (ASCAR), with two deaf people as subjects. The main results obtained were that deaf people still suffer during the period of their schooling even between the years 2017 and 2023, whether due to lack of communication with teachers, students, lack of interpreter at the beginning of their schooling and also due to difficulties, discomfort (bullying, prejudice) from classmates. It is clear that the laws exist, but some actions need to advance to implement linguistic rights and the learning and development of deaf people in schools.

Keywords: deaf; association; schooling; ASCAR; Caraúbas-RN.

RESUMO EM LIBRAS



Aponte a câmera do celular.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	–	Abade Charles Michel de L'Épée.....	18
Figura 2	–	Ernest Huet.....	18
Figura 3	–	Brasão da ASCAR.....	20

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASCAR	Associação de Surdos de Caraúbas
Dr	Doutor
EJA	Educação para Jovens e Adultos
Prof	Professor
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
Libras	Língua Brasileira de Sinais
Me	Mestre
RN	Rio Grande do Norte
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi-Árido

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	OS SURDOS E AS HISTÓRIAS DO SEU POVO	17
3	OS SURDOS E AS ASSOCIAÇÕES	19
4	AS LEIS E OS DIREITOS DOS SURDOS NA ESCOLARIZAÇÃO	22
5	METODOLOGIA	27
5.1	Associação De Surdos De Caraúbas-RN (ASCAR)	28
6	RESULTADOS	30
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
8	REFERÊNCIAS	41
9	APÊNDICE - ROTEIRO DE ENTREVISTA	44
10	ANEXO	46

1 INTRODUÇÃO

A vida dos surdos sempre foi desafiadora, pois no passado não era permitido a utilização da sua língua de sinais, assim os surdos eram obrigados a oralizar. Antes não se tinham informações concretas sobre esse assunto, com isso, dificultava ainda mais para essa comunidade conseguir progredir. Com o passar dos anos, alguns avanços aconteceram, como a utilização da língua natural deles, a contratação de tradutores/intérpretes nas escolas, criação de associações para contribuir com a luta dos surdos, a fim de terem uma vivência com a realidade.

Sendo assim, essa pesquisa irá apresentar as vivências sobre o processo de escolarização: relatos dos surdos da associação de surdos de Caraúbas (ASCAR), buscando responder: como ocorrem as vivências escolares e o processo de escolarização dos surdos da ASCAR (Associação de Surdos de Caraúbas)? Essa associação é uma conquista para a comunidade surda da cidade, contribui para a comunidade surda se encontrar, se articular e militar junto, propor palestras e comemorações sobre diversos temas.

Ao estudar a organização dessa associação, fez com que surgisse um interesse em querer saber sobre eles, pois visualizava que no curso Letras-Libras na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), *Campus* Caraúbas-RN, alguns colegas se disponham e buscava ajudar, de alguma forma, assim, sentimos instigadas a contribuir com a comunidade surda.

Uma outra motivação para ansiar pesquisar sobre esse tema foi no início do curso de Letras-Libras da UFERSA, *Campus* Caraúbas com a leitura de um texto na disciplina de Língua Brasileira de Sinais 6, a qual possui carga horária de 60 horas, tendo como tema “Diferentes olhares na ‘história’ de surdos”, de Strobel (2008). Nesse texto em determinado momento falava sobre o que os surdos passavam quando não era permitida a língua de sinais. Strobel (2008 p. 54) salienta:

Na escola para os Surdos de Boston, EUA, desativada em 1994, ex-alunos surdos acusam freiras da referida escola, mais dois padres e um instrutor de educação física, de abusos psicológicos e físicos cometidos durante mais de trinta anos.

Estes profissionais que trabalhavam com a educação de surdos aproveitavam o poder de autoridade em cima de alunos surdos, davam punições a quem tentasse usar a língua de sinais para se comunicar, também eram sexualmente molestados, fisicamente abusados e mentalmente atormentados.

Strobel (2008) diz que os surdos eram obrigados a oralizar, desde então, foi algo impressionante tudo que foi lido, sabíamos que eles sofreram, mas desconhecia dos mais absurdos sofrimentos que eles passaram.

Um outro motivo em desejar pesquisar sobre essa temática foi o fato de se querer conhecer mais sobre os surdos da cidade de Caraúbas-RN, em específico os da associação (ASCAR), levando em consideração que estudamos em um curso onde eles são os “falantes da língua”, e sempre vemos as escolas empenhadas em contribuir e saber mais sobre os surdos. Antes de conseguir ingressar no curso de Letras-Libras na UFERSA Caraúbas-RN, não tinha nenhum contato com surdos, observávamos somente surdos da cidade conversando e era incrível, após optar por querer estudar no curso de Letras-Libras, percebemos que na UFERSA tinham vários alunos surdos e que os ouvintes conseguiam conversar com eles utilizando a Libras. Nesse pensar, nos sentimos convidadas e mobilizadas a pesquisar sobre essa vertente.

A partir desses pontos foi decidido pesquisar sobre as “vivências sobre o processo de escolarização: relatos dos surdos da associação de surdos de caraúbas (ASCAR)” para trazer a tona o que as pessoas surdas passaram durante o processo de escolarização, pois se a população local buscar saber um pouco mais sobre a comunidade surda, em específico, a associação, ajudará para que futuramente tenham uma melhor acessibilidade.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as vivências de escolarização dos surdos que participam da associação (ASCAR) de Caraúbas-RN. Os objetivos específicos da pesquisa são: apresentar os surdos e as histórias do seu povo; problematizar o papel da Associação de Surdos de Caraúbas (ASCAR) no desenvolvimento de ações para participação na sociedade; e relatar as vivências de escolarização dos surdos que participam da associação (ASCAR) de Caraúbas-RN, enfatizando o seu processo de escolarização.

Como referencial teórico temos: Gladis Perlin e Karin Strobel (2014) com o artigo “História cultural dos surdos: desafio contemporâneo”; Betina S. Guedes (2012) com o texto “Educação de surdos: percursos históricos”; Graciele M. Kraemer (2012) “Identidade e cultura surda”; Adriana da Silva Thoma (2012) “Representações sobre os surdos, comunidades, cultura e movimento surdo”; Maura C. Lopes (2012) com o texto “Escola bilíngue para surdos” e Adriano Gianotto e Liliam Veronese (2022) tendo como texto “A importância de uma associação para construção e formação da cultura surda”. A metodologia dessa pesquisa é de abordagem qualitativa e pesquisa de campo. O lócus foi a ASCAR e

através da entrevista semi-estruturada sinalizada, os surdos apresentaram as suas experiências sobre o seu processo de escolarização.

Outro ponto importante nesta pesquisa é que foi relatado as vivências dos surdos em sua escolarização. Esta pesquisa contribui para fazer coro junto à comunidade surda, em específico, a associação de Caraúbas-RN que luta incessantemente para conseguir a aprovação da Lei Municipal nº 1.173/2016¹, a qual atenderá o determinado no Decreto nº 5.626/05, de 22 de dezembro de 2005, que inclui na grade curricular das escolas públicas a disciplina de Libras².

Com essa pesquisa pretendemos apresentar para a comunidade acadêmica um olhar mais humano para os surdos, tendo em vista que será apresentado as vivências deles durante o processo de escolarização, com isso fazer com que pensem e contribuam com a associação.

Assim, essa pesquisa segue a seguinte estrutura: primeiramente com a introdução, logo após o referencial teórico tendo o primeiro tópico como intitulado “Os surdos e as histórias do seu povo”; o segundo com o título “Os surdos e as associações”; terceiro, “As leis e os direitos dos surdos na escolarização”. Em seguida, a metodologia vai detalhar como essa pesquisa foi desenvolvida. Após, será apresentado os resultados obtidos com essa pesquisa, trazendo o que foi perguntado aos entrevistados suas respostas e as análises. Por fim, as considerações finais e as referências.

¹ <https://repositorio.ufersa.edu.br/server/api/core/bitstreams/e6234678-66e0-4c5b-bf1c-966707226ea7/content>

² Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

2 OS SURDOS E AS HISTÓRIAS DO SEU POVO

Durante muito tempo os surdos foram proibidos de fazer uso da língua de sinais. Assim não tinham como serem escolarizados na sua própria língua, e ainda sim, tinham que frequentar escolas que utilizavam somente a oralização. Strobel (2014, p. 27) diz: “Mesmo que, por muitos anos, tenham proibido os surdos de usar a língua de sinais, ela sobreviveu graças à resistência contra a prática ouvintista; muitas crianças em escolas para surdos, quando sua língua era proibida, a praticavam às escondidas entre si”.

Assim, a língua de sinais, mesmo com as proibições que existiam, os surdos não deixavam de se comunicar na língua de sinais, mesmo conscientes que se fossem flagrados sofreriam, iriam ser penalizados, eles resistiram e interagiram em língua de sinais. Diante dessas resistências é que hoje em dia já podemos desfrutar dela e trazer à tona os relatos dos surdos que hoje têm o direito à educação e que lutam cada vez mais por uma acessibilidade linguística na área da educação e em todos os âmbitos sociais.

Mas essas conquistas foram gradativas. Através de muitas lutas, as vitórias foram sendo visualizadas. Em meados do século XVIII, a educação pública para surdos começou a dar os primeiros passos. Vejamos:

Foi na França do século XVIII que a educação pública para surdos começou a ser consolidada, juntamente com uma comunidade que se articulou ao redor da primeira escola fundada em 1761, em Paris, denominada Instituição Escolar Imperial. A fundação dessa escola também marca o desenvolvimento da proposta educacional do abade L'Epée. A língua de sinais passou a ser reconhecida e utilizada tanto como forma de comunicação apropriada para a educação de surdos quanto nos procedimentos pedagógicos, servindo de base para uma pedagogia especial, da qual a religião, a moral e a língua nacional constituíam o núcleo do currículo (Lulkin, 2000, apud Guedes, 2012, p. 13).

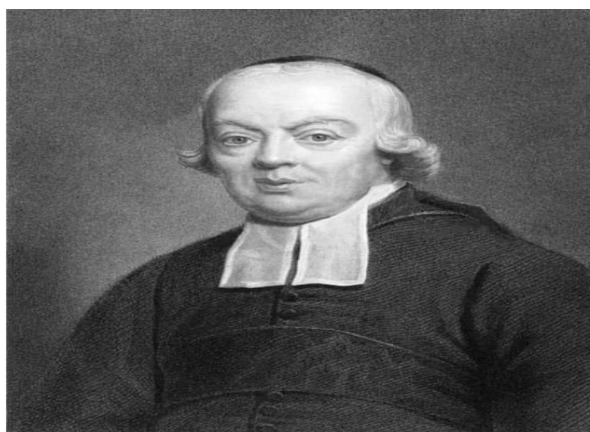
Com o estímulo do Abade L'Epée, o ensino para surdos com a sua língua de sinais foi se espalhando pelo mundo. Ele deu o primeiro passo para que os surdos iniciassem suas lutas. Foi um grande incentivo para a comunidade surda francesa. Um outro homem importante na comunidade surda foi Huet, que permitiu que uma língua de sinais própria de nosso país fosse desenvolvida, e a atual Libras surgiu mediante a junção de sinais da língua francesa com sinais utilizados pelo abade L'Épée.

Percebemos que o trabalho de Abade L'Epée foi importante na educação dos surdos, para que eles pudessem ter um ensino adequado:

O método desenvolvido por L'Épée marcou um momento decisivo na educação de surdos, sendo o responsável pela fundação das bases do ensino bilíngue. Seu método ia da língua escrita à língua oral e não ao contrário, como era usual nessa época. L'Épée fez da educação de surdos um assunto coletivo, considerando os surdos como seres capazes e inteligentes, favorecendo seu reagrupamento e, através disto, a expansão da língua e da cultura surda (Benvenuto, 2006 apud Guedes, 2012, p. 14).

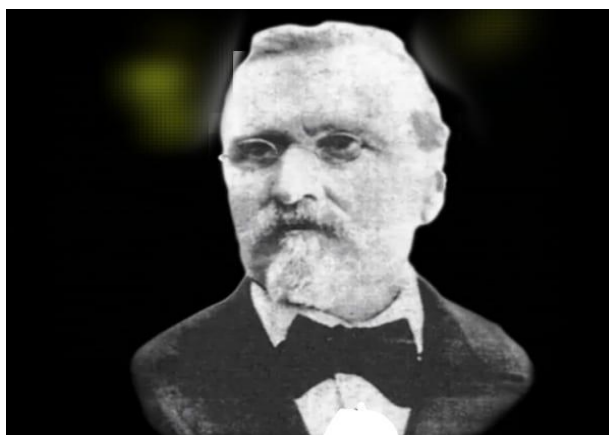
O método de L'Épée fez com que a educação para surdos fosse reconhecida e aperfeiçoada, fazendo com que a cultura deles fosse cada vez mais vista, permitindo a cada um deles conhecer a educação como ela realmente deveria ser ensinada para eles, utilizando a língua de sinais.

Figura 1: Abade Charles Michel de L'Épée



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Charles-Michel_de_l%27%C3%89p%C3%A9e

Figura 2: Ernest Huet



Fonte: <https://academiadelibras.com/blog/ernest-huet/>

A partir do encorajamento de L'Epée, foi que a educação para os surdos foi se disseminando e chegou ao Brasil. Kraemer (2012, p. 139) destaca:

A proposta de educar os surdos inicia-se, no Brasil, no período imperial. No ano de 1857, foi criado, no Rio de Janeiro, o Instituto Imperial dos Meninos Surdos, hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Este instituto foi o primeiro centro de referência, no Brasil, para o atendimento educacional dos surdos, mantendo-se até os nossos dias como um importante espaço de articulação política para os surdos.

Apesar desta conquista, ainda não vemos o ensino da língua de sinais em algumas escolas públicas na cidade de Caraúbas, pois para se alcançar esse feito precisa-se inserir a disciplina de Libras na grade curricular do município. Lopes (2012, p. 242) afirma: “Embora tenhamos avanços na educação superior brasileira, no sentido de as instituições de ensino superior ofertarem uma disciplina introdutória sobre língua de sinais, a realidade continua alarmante nas escolas”. Isso ainda é um problema para que os surdos sejam alfabetizados, porque se os surdos não aprendem a sua própria língua, será um empecilho maior aprender a Língua Portuguesa escrita.

Diante dessas conquistas, há também as associações que contribuem na aprendizagem, na comunicação com outras pessoas, para que cada vez mais, eles venham a aprimorar as interações e conhecimentos. Assim no próximo tópico será apresentado um pouco sobre os surdos e as associações, trazendo à tona o que eles fazem nesses ambientes formativos.

A educação básica para surdos na cidade de Caraúbas-RN ainda está em andamento, pois falta os materiais adaptados para surdos, professores e funcionários em geral das escolas que saibam Libras, falta focar um pouco mais na comunidade surda, mas com o passar dos anos vai melhorando, pois já temos em sala de aula os tradutores/intérpretes de Libras, existe a associação local que faz suas ações, que se comemora o setembro azul e existe também a UFERSA que oferta o curso de Letras-Libras, com isso dar maior visibilidade para a comunidade surda, pois têm surdos da própria cidade e também das regiões circunvizinhas que ingressam nesse curso e se percebe um número considerável de ouvintes querendo participar também, tanto da cidade quanto das regiões vizinhas.

3 OS SURDOS E AS ASSOCIAÇÕES

As associações de surdos, é um ambiente que permite aos surdos determinadas atividades traz benefícios tanto para ele próprio como para a comunidade surda. Trazem

determinadas ações focadas no coletivo e em suas lutas, pois Thoma (2012, p. 165) confirma que: “A surdez é vista como uma diferença e o sujeito surdo entendido como membro de uma comunidade linguística e cultural minoritária”. Com as associações buscando sempre apresentar seus valores, fará com que a surdez seja vista não como uma diferença, e sim como algo que faz eles buscarem ainda mais seus objetivos, tornando o sujeito surdo membro de uma comunidade linguística e cultural maior. Com isso, trazemos o conceito de surdo de acordo com o Decreto nº 5.626/05 que diz: “Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras”.

Então, sendo assim, eles se comunicam pela língua de sinais, sendo no Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (Libras). As associações contribuíram bastante para que essa comunidade encontrasse um apoio maior, como por exemplo: encontrar ou reencontrar outros surdos; conhecer pessoas novas e ter contato com atividades diversas. Em Caraúbas, existe a ASCAR, que tem seus associados militando em prol da sua comunidade, fazendo com que tenham uma interação maior entre os surdos e que juntos lutam pela efetivação dos seus direitos.

Figura 3: Brasão da ASCAR



Fonte: <https://www.instagram.com/associacaodesurdosdecaraubas?igsh=MWwwYWkwdG85emJzaw==>

Essas associações fazem parte da história cultural dos surdos. Assim, Strobel (2014, p. 18-19) afirma:

E a história cultural pode muito bem ser adotada como campo de investigação da história dos surdos, por ser este um novo campo de saber, o que mais precisamente produz outros modos de relações de poder, bem como de signos de cultura, como: as negociações, investidas pela língua de sinais, pela educação, pela diferença de ser, por agrupamentos de lutas e reivindicações, por associações. Estes estão passíveis de ser investigados pela história cultural. Daí ser um desafio contemporâneo fazer uso desta para o registro de aspectos históricos dos surdos.

A associação necessita de registros das suas ações para tornar os surdos mais visibilizados na nossa sociedade. A sociedade precisa conhecer as pautas e lutar junto da comunidade surda para a garantia desses direitos. As associações podem trazer mais sobre os acontecimentos dessa comunidade, podendo também deixar seus momentos registrados em, documentos, vídeos, livros, redes sociais, dentre outros, assim como a ASCAR faz, possibilitando que outras pessoas conheçam a instituição.

Assim, nas associações, os surdos podem planejar diversos programas, em Caraúbas-RN, desenvolvem atividades como por exemplo: Festa Junina, campeonatos de vôlei de praia, cinemas, reivindicação de pautas na Câmara dos Vereadores, passeatas do Dia Nacional do Surdo dentre outras atividades. Semelhante às escolas que também existem suas próprias demandas e ações, a associação é esse espaço em que é encontrado um maior número de surdos, deixando-os mais livres para trocar ideias sobre qualquer assunto/tema e a comunicação sempre acontece na sua língua. Thoma (2012, p. 171) explica: “Mas além da escola, também os clubes e associações são espaços importantes que promovem uma vida em comunidade para esses sujeitos”. Isso faz com que eles se conectem melhor e com mais facilidade, fazendo um bem muito grande para cada um. Lopes (2012, p. 240) expõe:

Além disso, a convivência surda potencializa o desenvolvimento dos sujeitos em todos os seus aspectos: físicos, cognitivos, linguísticos, sociais, políticos, culturais, educacionais, religiosos, econômicos etc. É a convivência com os pares que permite aos sujeitos surdos não se verem como deficientes auditivos, pois serão comparados a outros surdos.

Sendo assim, convivendo em comunidades, que segundo Thoma (2012, p. 155): “Em comunidade, valores e experiências são compartilhados e vão engendrando modos de ser e estar no mundo, e esses valores e experiências constituem aquilo que chamamos de cultura. Em um contexto cultural comunitário, identidades ou modos de ser surdo são constituídos”, traz uma melhor convivência entre eles, contudo, é relevante saber que cultura, de acordo com Gianotto e Veronese (2022, p. 3):

[...] é um conjunto de informações, tradições e conhecimentos que adquirimos durante a vida; é transmitida pelas pessoas que convivemos: família, amigos, escola, trabalho, igreja e sociedade em geral. É composta por linguagem, gírias, hábitos, costumes, valores, princípios, ideias, pensamentos, estilos de roupas, comunicação em geral, enfim.

Todas essas tradições são passadas de geração em geração, para os surdos isso é de grande relevância, assim como para os ouvintes, pois é um meio de não perder o que já passou, sempre está lembrando e vivendo os mesmos acontecimentos, nas associações isso pode ficar muito mais marcado e melhor de vivenciar novamente.

Com isso fica claro que as associações são espaços de interação com os surdos, estudo, debater sobre problemas sociais, principalmente no que se refere à acessibilidade. Nesse convívio entre os pares, eles podem ter sempre o contato com atividades voltadas para si e também planejar algum ato em comemoração à comunidade, assim como existe no dia do surdo, e em algumas cidades fazem passeatas em comemoração, as associações são um local potente para planejar essas mobilizações e lutar pelos seus direitos. As associações são locais de suma importância para a comunidade surda, pois para a cidade de Caraúbas-RN, a chegada da ASCAR foi um acontecimento muito marcante. Foi fundada em 2016, por um grupo de amigos surdos que quiseram fazer a diferença, hoje acolhe todos os surdos que desejam participar e contribuir com a mesma.

Os surdos com suas associações conseguiram buscar novos aprendizados, e mostrar que são capazes de colocar em prática tudo que desejam, pois conseguem participar de vários outros eventos e fazem a diferença. Por isso, a seguir será apresentado às Leis e os direitos dos surdos à escolarização.

4 AS LEIS E OS DIREITOS DOS SURDOS NA ESCOLARIZAÇÃO

No Brasil, há a Constituição de 1988, a qual no seu art. 205, traz a garantia da educação para todos: “Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Com isso, é assegurado a educação para todas as pessoas, incluindo os surdos. Uma outra lei, a qual determina o dever da educação nacional e como ela deverá se desenvolver

para se ter um ensino mais adequado para todos, a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, explicita:

Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. (Brasil, 1996).

É direito de todo cidadão ter uma educação de qualidade, de poder frequentar a escola e utilizar de tudo que a instituição escolar puder disponibilizar para os alunos, surdos ou ouvintes, dando a eles a oportunidade de desfrutar de todo processo da escolarização.

A educação focada no surdo e na sua língua, era escassa, assim, através de lutas e movimentos surdos foi aprovada uma lei que contempla a sua própria língua, a Libras. Sendo uma conquista da comunidade surda brasileira, na Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconhece a Libras, se afirma:

Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente. (Brasil, 2002).

Com essa lei, é garantida aos surdos uma comunicação, um atendimento, um ensino com a sua própria língua, em qualquer lugar em que eles frequentem, sendo muito importante para a comunidade surda, pois com ela, eles podem exigir seus direitos.

Para a inclusão foi criado o Decreto nº 5.626/05, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei de Libras, permite a inclusão da Libras como disciplina curricular e outros benefícios para quem utiliza a Libras:

Art. 1º Este Decreto regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

Art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua. (Brasil, 2005).

Vemos que a inclusão da comunidade surda deve ser assegurada, garantindo o direito à educação, saúde, moradia, dentre outros temos a Lei nº 13.146/15 de 6 de julho de 2015 que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), assim como diz o art. 1º:

Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. (Brasil, 2015).

Esta lei, com relação à educação, permite aos surdos o direito de frequentar e serem ensinados nas escolas juntamente com outras pessoas, é um direito de poder participar desse momento.

Com todas essas garantias, nem todas as escolas tinham um ensino adequado para os surdos, eles não estavam aprendendo. A nova modalidade de educação bilíngue para surdos na LDB, tendo a Lei nº 14.191/21, de 3 de agosto de 2021 que garante:

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos.

Art. 60-A. Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos. (Brasil, 2021).

Essa nova modalidade de educação bilíngue dá aos surdos a oportunidade de serem ensinados desde pequenos com a sua própria língua e também a aprenderem o português escrito, sendo muito importante para eles aprenderem as duas línguas, pois tanto utilizaram a Libras como o português escrito nas escolas e em outros momentos da vida, principalmente nas escolas e universidades.

Essa nova modalidade trará um ensino de qualidade para os surdos, mas como em algumas escolas não se têm o ensino bilíngue, os surdos deveriam ter um tradutor/intérprete de Libras para que pudessem frequentar a escola mais próxima, daí temos a Lei nº 14.704, de 25 de outubro de 2023:

Art. 1º Esta Lei regulamenta o exercício da profissão de tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

§ 1º Para os efeitos desta Lei, considera-se:

- I – tradutor e intérprete: o profissional que traduz e interpreta de uma língua de sinais para outra língua de sinais ou para língua oral, ou vice-versa, em quaisquer modalidades que se apresentem;
- II – guia-intérprete: o profissional que domina, no mínimo, uma das formas de comunicação utilizadas pelas pessoas surdocegas. (Brasil, 2023).

Como na maioria das escolas não utilizam o ensino bilíngue para surdos, eles têm o direito de ter em sala, um tradutor/intérprete, para que assim eles interajam, participem nas aulas e venham a aprender igualmente aos outros colegas, é um direito deles garantido por lei. Por isso é importante que os estados e municípios regulamentem essa lei, porque esse profissional ajudará o surdo a entender o que o professor explicar em sala de aula, pois alguns professores e alunos ouvintes não sabem Libras, e na maioria das vezes a comunicação entre professor, aluno surdo e ouvintes será através apenas do tradutor/intérprete de Libras.

Ainda temos o Decreto nº 11.793, de 23 de novembro de 2023, para garantir um respeito dentro da sociedade, para que assim eles fiquem assegurados quanto à inclusão em todas as atividades, assim como explica:

Art. 1º Fica instituído o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Novo Viver sem Limite, com a finalidade de promover, por meio da integração e da articulação de políticas, programas e ações, o exercício pleno e equitativo dos direitos das pessoas com deficiência. Parágrafo único. O Novo Viver sem Limite será executado pela União em colaboração com os Estados, o Distrito Federal, os Municípios e a sociedade civil. (Brasil, 2023).

Os surdos têm essas leis como garantias, mas ainda há uma luta pelos direitos a serem colocados em prática, e é por isso que eles estão sempre batalhando para conseguir, através das suas associações, movimentos surdos para debater sobre assuntos importantes.

Assim como todos os participantes da ASCAR busca os direitos da comunidade surda na cidade de Caraúbas-RN, um desses desafios é colocar em prática a lei municipal 1.173/2016³ que ainda não foi deliberada pelo poder executivo da cidade.

É de suma importância para que a comunidade surda e a sociedade em geral se mobilizem para que as leis sejam cumpridas, pois cada conquista é um incentivo a mais para que eles nunca parem de buscar. Sabemos que ainda há muitos direitos que precisam ser alcançados, a fim de promover uma vida com mais autonomia e independência para a pessoa surda.

³ <https://repositorio.ufersa.edu.br/server/api/core/bitstreams/e6234678-66e0-4c5b-bf1c-966707226ea7/content>

5 METODOLOGIA

Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa, conforme Zanella (2011, p. 99-100):

O método qualitativo não emprega a teoria estatística para medir ou enumerar os fatos estudados. Preocupa-se em conhecer a realidade segundo a perspectiva dos sujeitos participantes da pesquisa, sem medir ou utilizar elementos estatísticos para análise dos dados. O método qualitativo de pesquisa não é empregado quando o pesquisador quer saber quantas pessoas têm preferência por um produto, portanto, não é projetado para coletar resultados quantificáveis.

Tendo a ASCAR como lócus, sendo assim tornando essa pesquisa de campo, Gil (2002, p. 53) salienta:

Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias.

A metodologia desta pesquisa teve como instrumento a entrevista que aconteceu na cidade de Caraúbas-RN, onde todos os entrevistados residem. Esta cidade recebeu esse nome por conta das árvores chamadas de caraibeira (mais conhecida como ipê amarelo) que tinha bastante nesta região. A árvore possui flores amarelas e assim chama bastante atenção da população. Essa cidade fica localizada na microrregião da chapada do Apodi, sendo a mesorregião do Oeste Potiguar, ficando distante cerca de 296 quilômetros da capital, Natal.

As entrevistas com os surdos que frequentam a Associação de Surdos de Caraúbas-RN, aconteceram, a fim de saber o que ocorreu durante a sua escolarização, saber as dificuldades e possibilidades nesse processo. Neste caso, quais seriam elas, se mudou algo, quais foram. Conhecendo as narrativas deles, contribuirá para o registro da História da associação de surdos local e também problematizar como ocorre a escolarização dos surdos nas escolas.

Sendo assim, foi feita uma entrevista semi-estruturada com os surdos, e em alguns momentos o vice-presidente ajudou sinalizando algumas perguntas, ele sinalizou para eles e, posteriormente, responderam e gravaram em vídeo. Em um outro momento foram transcritas

e analisadas cada resposta⁴ para verificar através dos relatos dos surdos de Caraúbas sobre o processo de escolarização.

5.1 Associação de Surdos de Caraúbas-RN⁵

Os surdos da cidade de Caraúbas criaram a ASCAR (Associação de Surdos de Caraúbas). A ASCAR contribui nas lutas e conquistas desta comunidade na cidade e também deixa explícito que sempre vão estar presentes nos diversos espaços, eventos e ações que acontecem no município. Desse modo, foi buscado saber mais sobre os surdos integrantes da ASCAR, essa associação não tem um prédio próprio, mas tem um local provisório, sendo cedido para as reuniões o espaço do SINDSPUMC (Sindicato dos Servidores Públicos de Caraúbas-RN), localizado na rua: Ozório Fernandes Pimenta, Nº 105, bairro: Centro.

A ASCAR foi fundada em 2016 por um grupo de amigos que faziam parte do curso de Letras-Libras na UFERSA. Esse processo de criação foi demorado, pois tiveram que se reunir e discutir propostas, onde também esteve presente grupos de alunos que faziam parte do curso referido. As primeiras ideias foram para decidir a imagem da associação, quantos surdos, diretores, quais ações colocar em prática.

Depois de muita discussão entre eles, a associação começou seu funcionamento tendo um presidente e um vice-presidente⁶, ambos surdos, ficando à frente entre os anos de 2016 a 2017. Logo após essa data a pessoa que era presidente ficou como vice-presidente e a pessoa que era vice-presidente ficou como presidente e assim a ASCAR completa oito anos de fundação, tendo até o momento somente dois presidentes e dois vices sendo cargos invertidos por eles.

A associação conta com oito ouvintes e nove surdos, mas nem todos os surdos participam, levando em consideração que na cidade de Caraúbas tem 45 surdos, principalmente, da zona rural, mas é um processo e ao motivar que eles participem provavelmente ajudará para que futuramente eles permaneçam.

O planejamento das ações que acontecem na ASCAR são todas organizadas através de reuniões feitas pelos integrantes pelo menos um mês antes da data pretendida, tendo como

⁴ As entrevistas foram todas presenciais sem a necessidade de intérprete de Libras, pois a entrevista e a interpretação/tradução para o português escrito da mesma foram feitas pela pesquisadora e as dúvidas de alguns sinais foram tiradas com a orientadora.

⁵ As informações contidas nesse tópico sobre a associação, foram todas fornecidas em entrevista pelo vice-presidente atual da mesma.

⁶ Não foi autorizada a utilização dos nomes do presidente e do vice-presidente da ASCAR.

ações as passeatas (dia da inclusão da pessoa com deficiência, dia do surdo), dia das crianças, festa junina, desfile, protestos, competições esportivas em que são convidadas várias outras associações do RN para participar, os atletas da ASCAR vão participar de outras competições em outras cidades, estados, nas modalidades: vôlei, futsal, jiu-jitsu, e vários outros. Essas ações atualmente estão paralisadas, mas que pretendem voltar, assim que possível.

A ASCAR é uma instituição não-governamental, não tem nenhum financiamento fixo por parte da prefeitura local ou por empresas, mas sempre que necessitam de algo, procuram lojas e empresas para fazer doações dos materiais que precisam para a organização das ações.

Ao término da fase de obter os dados que necessitava para a realização desta pesquisa, foi iniciado a escrita dos resultados, deixando explícito o que foi coletado em cada pergunta, apresentando os relatos dos dois surdos entrevistados, assim podendo explicar cada um e analisar, para saber se houve ou não melhorias no ensino para surdos no decorrer dos anos estudados pelos mesmos.

No tópico seguinte, traremos os resultados, apresentando todas as respostas obtidas em relação às perguntas feitas sobre a escolarização de dois entrevistados que são integrantes da ASCAR.

6 RESULTADOS

No primeiro momento foi feito um contato com o vice-presidente da associação por e-mail, e no ato da entrevista ele leu as perguntas e respondeu em Libras. Esse contato aconteceu para que ele repassasse as informações sobre a ASCAR e também sobre os surdos que frequentam a mesma. Esse procedimento aconteceu na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)⁷, que atualmente, oferta oito cursos, sendo eles: graduação em Interdisciplinar em Ciência & Tecnologia, Engenharia Civil, Engenharia Mecânica, Engenharia Elétrica, Letras com habilitação em Inglês, Letras com habilitação em Libras, Letras com habilitação em Português e Curso de Licenciatura em Física.

Dando prosseguimento à pesquisa, no momento de registrar os depoimentos aconteceu numa sala do bloco de professores II, *Campus* Caraúbas, no horário das dezessete até às dezoito horas do dia dezesseis de abril de dois mil e vinte quatro. Durante a entrevista, ele se ofereceu para entrar em contato com dois surdos para que fosse possível entrevistá-los.

E assim seguimos com a pesquisa, essas outras entrevistas aconteceram no dia dezenove de abril de dois mil e vinte quatro, às dezenove horas até às vinte e uma horas, os quais foram entrevistados nesse mesmo local, dois surdos, um do sexo masculino e um do sexo feminino. Todos frequentam a associação local. Nesse momento também foi comunicado aos colaboradores que eles serão tratados ao longo de todo esse trabalho com nomes fictícios, a fim de preservar a identidade dos mesmos. Todas as entrevistas, tanto com os associados da associação quanto com o vice-presidente, foram presenciais e gravadas em vídeo, não necessitando do serviço de interpretação de Libras.

Essa entrevista teve onze perguntas feitas a dois integrantes da ASCAR, no momento da entrevista eles mesmo escolheram seus nomes fictícios como sendo Marcelo e Emma⁸.

Perfil dos entrevistados: Marcelo tem 50 anos, concluiu os Anos Iniciais do ensino fundamental no ano de 2020, os Anos Finais do ensino fundamental em 2021 e o ensino médio no EJA (Educação para Jovens e Adultos) no ano de 2023, e não cursou um ensino superior até o momento. Emma tem 22 anos, concluiu os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, os Anos Finais do Ensino Fundamental, ela relatou que terminou no ano de 2017, o ensino médio no ano de 2020 e começou o ensino superior nesse ano de 2024.

Foi perguntado a eles como foi seu processo de escolarização, Marcelo respondeu:

⁷ UFERSA Campus Caraúbas começou suas atividades no dia 16 de agosto de 2010, inicialmente na Escola Estadual Antônio Carlos, na Escola Municipal Josué de Oliveira e na Escola Estadual Lourenço Gurgel, pois a sede oficial ainda em construção. Em maio de 2013 a Universidade se transferiu para a sede.

⁸ O modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, consta nos anexos.

[...] quando era criança e estudava, eu não sabia de nada, eu escrevia e copiava, no EJA quando comecei a frequentar só falavam, e tinha eu de surdo e não ouvia, fui crescendo e nada mudou, precisou ir na prefeitura avisar e pedir um intérprete e foi contratada uma intérprete (faz o sinal da intérprete) pra mim [...] quando a intérprete chegou (faz o sinal da mesma intérprete) ela sinalizava eu observava e compreendia daí eu consegui evoluir [...] Enfim, quando eu ia escrever no português, que via as palavras que o(a) professor(a) copiava no quadro e eu não entendia, eu perguntava à intérprete o que era e ela fazia o sinal, eu conseguia entender. [...]

Neste sentido, Emma afirmou que: *“[...] os professores só falavam e eu só olhava, não tinha comunicação, era difícil, as falas continuaram por um tempo [...]foi passando e começou o ensino médio e tinha o(a) intérprete eu olhava os professores falando e o(a) intérprete sinalizava eu olhava e aprendi bastante, gostei [...]”*.

Percebemos que ambos tiveram dificuldades em seu processo de escolarização. Com relação ao fato de os professores não saberem ensinar em Libras e por falta de um intérprete dentro da sala de aula. Assim, fica evidente, a importância do professor saber Libras e de ter um intérprete em sala, com isso, já seria um avanço para o ensino ao surdo. Percebe-se que quando se chegou o intérprete eles foram dando os primeiros passos para assim conseguir evoluir, isso mostra a importância da lei, pois antes não tinha obrigatoriedade se ter um intérprete dentro da sala de aula, pois se por caso não se tivesse cumprido a lei de inserir o tradutor/intérprete de Libras na sala de aula os entrevistados não teria terminado seus estudos nessas escolas e, provavelmente, teriam mudado de cidade para buscar melhorias para si, pois de acordo com Gianotto e Veronese (2022, p. 2):

A Libras é a língua oficial que as pessoas surdas usam para se comunicar; é uma língua como a língua portuguesa, língua inglesa, língua alemã; é uma forma de comunicação e expressão que possui um sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria.

Assim como Gianotto e Veronese (2022) afirmam que a Libras é a língua dos surdos, então é muito importante a utilização da Libras nas escolas, não somente dos intérpretes, mas também dos alunos ouvintes, professores e equipe em geral da escola.

O segundo questionamento foi se nas escolas em que eles estudaram havia intérprete em sala de aula. Marcelo respondeu: *“[...] eu tinha ajuda da intérprete (faz o sinal) tinha as frases escritas no papel e eu não conseguia ler, eu perguntava a ela e ela me ajudava, dentro e fora da escola, quando ia ler um livro e não conseguia entender o português, eu perguntava a ela e me ajudava, [...]”*.

Já Emma respondeu: “[...] o(a) intérprete me ajudava me ensinava todo dia com as atividades, na escrita me ajudava e também fora tinha essa ajuda [...]”.

Nessa questão percebe-se que os intérpretes ajudavam eles extra-escola. Mesmo não sendo a sua função, mas para os surdos eles eram um suporte que contribuía com o seu aprendizado. Apesar de ser algo importante, seria mais legal se todos pudessem interagir com eles utilizando a Libras, para que o aluno surdo não dependesse somente do intérprete.

No questionamento seguinte, foi perguntado se os professores(as) sabiam Libras e como era essa comunicação. Marcelo:

[...] o(a) professor(a) só falava, e eu dizia eu não escuto [...]e o(a) professor(a): desculpa, espere aí, o(a) professor(a) escrevia no papel e me entregava, eu via e não entendia, não tinha comunicação, eu olhava o português e não conseguia entender, não tinha comunicação com o(a) professor(a) [...]

Emma revelou que: “Os professores não sabiam sinalizar, não tinha comunicação, era difícil, lá só tinha intérprete que me ajudava, os professores falavam e o(a) intérprete sinalizava”.

Aqui fica claro que os professores não tinham uma boa comunicação com os alunos surdos justamente por não saber a Libras, pois assim como Guedes (2012, p. 24-25) ressalta:

São suposições que faço ao constatar o que está acontecendo, em grande parte das escolas, com alunos surdos incluídos, posto que faltam intérpretes, faltam professores fluentes em Libras e, fundamentalmente, falta uma discussão cultural e linguística que desvincule esses alunos do contexto das deficiências.

Guedes (2012) afirma que algumas escolas não têm intérpretes, pois muitos têm que esperar um tempo para que a escola solicite e depois chegue o intérprete, com isso os alunos surdos já teriam perdido muitas aulas. Comenta também que os professores não sabem Libras e eles não sabendo se comunicar, para os alunos surdos o intérprete fica sendo algo mais importante do que a figura do professor em sala de aula. Assim, fica secundária a relação que aluno e professor teriam se, por acaso, houvesse a comunicação em Libras. Somente ao buscarem se comunicar com os estudantes surdos, os professores aprenderiam no mínimo o básico da língua, e assim iniciaria essa interação em Libras com inúmeras possibilidades de aprendizagem para ambos. Nas escolas da cidade de Caraúbas-RN já se tem em sala de aula o tradutor/intérprete de Libras, possibilitando assim a entrada de alunos surdos nas escolas, mas

muitos dos professores, alunos e funcionários em geral da escola não sabem a Libras, também ainda falta um foco maior para a cultura surda, o município até teve um avanço em questão da lei municipal 1.173/2016⁹ que incluiria a disciplina de Libras na grade curricular, mas isso não foi cumprido até o momento. Esta lei, a associação local e o tradutor/intérprete de Libras em sala de aula, teve um grande incentivo após a chegada do curso de Letras-Libras na UFERSA de Caraúbas-RN, mostrando assim que esse curso é muito importante para a cidade e para a comunidade surda.

Já ao serem perguntando sobre os colegas se eles sabiam Libras e como era a comunicação, Marcelo: “[...] eu tentava em Libras, eu ensinava, mas eles não sinalizavam, não tinha comunicação [...] eles diziam que não sabiam, os alunos não sabiam, com os colegas não tinha, daí a intérprete (faz o sinal) me ajudava [...]”.

Já Emma disse que: “Os colegas ouvintes não sabiam sinalizar, só gestos, escrevia me mostrava eu olhava conhecia algumas coisas, antes a interação era por gestos, e só”.

Mais uma vez, percebe-se que a interação aluno surdo com aluno ouvinte foi impedida pelo fato do estudante ouvinte não saber a Libras. Assim, enfatizamos a importância da disciplina de Libras ser ofertada na Educação Básica, porque já seria um incentivo para que eles buscassem aprender e se aprofundar nessa língua para interagir com a comunidade surda. E assim, o aluno surdo se sentiria mais incluído na escola e demais espaços sociais, sabendo que os outros alunos estão aprendendo sua língua, sabendo que teriam mais pessoas além do intérprete para eles se comunicarem. Assim deixa os surdos excluídos dos demais alunos, ficando a interação limitada somente ao intérprete de Libras. A Libras está cada dia sendo mais difundida, por isso também trago importância do papel dos cursos de extensão de Libras que são ofertados pela UFERSA, que permite pessoas ouvintes de toda sociedade se inscreverem para aprender essa língua, pois todo início de semestre é oferecido esses cursos, isso dá a essas pessoas uma oportunidade de aprender a se comunicar com seus colegas surdos.

Em seguida foi questionado se passaram por alguma dificuldade, incômodo (bullying, preconceito) durante o período escolar. Marcelo respondeu:

Então, eu lembro que lá os alunos, e eu que sou surdo tinha os alunos de fora que diziam: você é surdo, filho de raxxxxxx (palavrão). Peraí, vocês tem que me respeitar, a intérprete me ajudava a explicar pra eles, ela falava pra eles que: não pode, tem que ter respeito, é um direito do surdo, e eles: ok, eu respeito, me desculpa e só, e eu beleza perfeito. [...]

⁹ <https://repositorio.ufersa.edu.br/server/api/core/bitstreams/e6234678-66e0-4c5b-bf1c-966707226ea7/content>

Em relação a esse tema, Emma relatou:

Antes eu sofria o bullying sim, mas os colegas tinha um grupo de pessoas que eram bons e amigos, eles me ajudavam com qualquer coisa, a interação era boa, já outro grupo não, os colegas que eram mau faziam bullying me chamavam de gorda, me oprimia, passava cola no meu cabelo, cortava meu cabelo, eu não conseguia eu sofria muito, chorava, chamava minha mãe, ela avisava o(a) diretor(a) mas era recorrente não parava, também os alunos riam não se importavam achavam normal, era difícil continuar, eu avisava aos meus amigo, eles me apoiavam, avisava ao professor(a) mas se repetia, não parava, e aconteceu repetidas vezes e isso infelizmente continuou.

Em ambas as respostas percebe-se que ocorreu o bullying, os xingamentos nas escolas, isso acontece devido aos alunos ainda terem uma percepção equivocada dos surdos por achar que eles não podem se defender nem denunciar. É lamentável que essa prática ocorra no ambiente escolar com os estudantes surdos. Hoje já existe a Lei nº 14.811, de 12 de janeiro de 2024 que diz:

Art. 1º Esta Lei institui medidas de proteção à criança e ao adolescente contra a violência nos estabelecimentos educacionais ou similares, prevê a Política Nacional de Prevenção e Combate ao Abuso e Exploração Sexual da Criança e do Adolescente e altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), e as Leis nºs 8.072, de 25 de julho de 1990 (Lei dos Crimes Hediondos), e 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente). (Brasil, 2024).

Essa lei protege esses jovens ao sofrerem esse tipo de violência. Com isso os surdos além de contar para seus familiares ou para a equipe escolar, ele terá a opção de utilizar desse recurso para se sentir mais protegido, pois Emma narra algo mais grave que aconteceu com ela, mas também mostra que não era todos os alunos que a machucavam, que ela sempre teve o apoio da mãe e de alguns amigos. Já Marcelo se impôs diante das ofensas e buscou mostrar para eles que os surdos podem se defender. Essa questão mostra ainda que foi algo que somente os alunos faziam, e não por todos da escola, geralmente isso acontece, porque os demais não sabem se comunicar nem buscam conhecer.

Strobel (2001) apud Strobel (2008, p. 53) apresenta algo que ocorreu em uma sala de aula com uma professora que também agia como uma das opressoras dos surdos juntamente com os alunos ouvintes. Vejam:

Em uma ocasião na minha infância, uma professora, na segunda série da escola de ouvintes, ela me fez ler com voz alta em frente da classe, todos riram e caçoaram da minha “voz diferente”, e a professora, ignorando a minha mágoa me mandava ler “mais alto” e “mais baixo”. E por causa disto eu demorei muito para me liberar do trauma de “ler” publicamente.

O que Strobel (2008) traz tem uma semelhança com o que ocorreu com Marcelo e Emma, a diferença foi que somente os alunos praticaram as ofensas e agressões com os entrevistados. Ao terem um apoio seja de um pequeno grupo de amigos, dos diretores, da própria família é algo que sinaliza para os agressores que os ofendidos têm com quem contar, tem quem os defendam, para ver se eles param de praticar bullying.

Logo após foi perguntado se achavam que ainda tinha essas dificuldades, como por exemplo: o bullying (violência física e/ou psicológica), preconceito nas escolas e se houve alguma intervenção para combater essas práticas, Marcelo: *“Eu acho que não tem mais não, o preconceito acho que não tem mais não, pra mim eu sinto que mudou pra melhor [...]”*.

Sobre isso, Emma explicou:

Então o bullying me causou muito sofrimento, era algo muito recorrente e acabamos por mudar para o interior e a escola lá era muito tranquila e com o passar do tempo tivemos que retornar para a mesma escola e vimos que estava tudo tranquilo, graças a Deus ficamos aliviadas e só.

Nessa questão, percebe-se que Marcelo tem uma percepção boa das mudanças nas escolas, em que não há mais essas dificuldades com quem é surdo, já Emma fala que sofreu bastante, e que teve que se mudar para uma outra escola quando viu que não ia parar, mas ao retornar percebeu que tinha mudado. Ela constatou que diminuiu bastante a questão dos sofrimentos dos surdos nas escolas em relação a essas dificuldades, incômodos (bullying físico ou psicológico, preconceito). Hoje essa questão dos surdos que eles podem aprender, se comunicar. Torna-se relevante que outras pessoas conheçam e se comuniquem em Libras na sociedade.

Em seguida, foi perguntado se costumavam relatar para seus pais o que acontecia na escola e como eles reagiam, Marcelo: *“Então, eu e os alunos quando acontecia os xingamentos não avisava a minha mãe não [...]”*.

Emma: *“Quando sofria bullying, mãe chamava muito pra ir, e íamos juntas sempre”*.

Por terem idades diferentes é notório que Marcelo queria resolver suas dificuldades sozinho, já Emma sempre buscou a ajuda da mãe, justamente pelos acontecimentos serem mais graves e ela ser mais jovem.

Em seguida, foi questionado quais as metodologias os professores utilizavam, Marcelo:

[...] Então o(a) professor(a) me ensinava assim, com o projetor colocava um filme e aparecia no quadro e eu assistia, eles faziam os slides e explicava para todos os alunos, e eu observava os slides e ia explicando, falava as frases eu observava e nos assistindo, via as frases no português, a metodologia era assistir e ele(a) explicar e ia passando o filme eu assistia, aí explicava e eu observava, e acabava. Um outro era escrever nas provas para responder todas, as atividades, tinha três em geografia, seminário, reunião, conversas, as explicações o(a) professor(a) ensinava em círculo e ia interagindo.[...]

Já Emma disse que: *“Com as provas eu lia, mas era difícil, o(a) professor(a) tentava usar estratégias, adaptava, era mais fácil, eu via que era fácil e respondia cada uma, mas não era muito fácil, era razoável, respondia melhor”*.

Nesse momento dá para perceber que Marcelo detalha mais como era o processo de adaptação das provas e atividades, já Emma não detalha tanto assim. Entende-se que na escolarização de Emma era mais utilizado o intérprete mesmo, para fazer a explicação sinalizada, já com Marcelo os professores buscavam utilizar outros meios como, por exemplo, o filme. Nesse sentido, Emma pareceu ter um ensino mais tradicional, como se os professores não buscassem algo para aprimorar suas atividades com ela, já Marcelo foi mais privilegiado nesse sentido. É importante buscar trazer para os surdos metodologias que despertam a atenção deles, como o próprio filme em que foi citado pelo entrevistado Marcelo, buscar atividades que utilizem bastante imagens, algo que seja mais visual, pois os surdos captam seus aprendizados através dos olhos.

Após isso, foi perguntado como as provas e atividades eram realizadas, Marcelo:

Então, as provas eram muito difíceis porque no português eu não sabia, eu via e não entendia e a intérprete me ajudava com a prova, ela lia e me explicava e eu entendia, mas eu olhando e vendo o português não entendia [...] daí mostrava a ela e me explicava sinalizando e eu entendia [...]

Emma assegurou que: *“O professor(a) via as estratégias, adaptava as atividades para que eu respondesse”*.

Marcelo comenta que tinha a ajuda do intérprete, assim dá para perceber que as provas não tinham uma adaptação para que ele pudesse responder sozinho, era uma prova igual para todos, sendo a prova escrita. Já com Emma, os professores faziam as adaptações, para que ela conseguisse responder.

Assim como diz Sponchiado e Toso (2012, p. 56-57): “[...] já que, além de inserir o intérprete, as escolas deveriam adequar seus materiais, ambientes e currículos para atender às necessidades não somente dos ouvintes, mas dos surdos também”. Ao adaptarem seus

materiais ajudaria bastante o trabalho tanto do professor como do intérprete e ficaria muito melhor para o aluno. É sempre bom perceber as dificuldades que os alunos têm em determinados assuntos para que, assim, seja aperfeiçoada com estratégias, mesmo sendo provas, fazendo com que eles tenham uma aprendizagem mais efetiva.

No próximo questionamento foi como se sentiram durante o período de escolarização, Marcelo: *“Então, no ensino fundamental e ensino médio [...] não me senti ruim não, eu estudava com calma pra ir evoluindo [...]”*. Já Emma respondeu: *“Antes me sentia ruim, mas quando mudei para outra escola me senti melhor”*.

Marcelo afirma que o seu processo de escolarização não foi ruim, já Emma narra que não foi bom no início. Marcelo, por tentar resolver suas dificuldades sozinho para querer deixar um aprendizado nos alunos que tentavam deixar ele sem ânimo, e também por ser um pouco mais experiente do que Emma, com Emma foi algo diferente e mais grave, pois as atitudes dos colegas de classe dela, deixou muitas marcas e traumas para serem lembradas, apesar das situações terem mudado depois. As atitudes dos colegas de classe de Emma deixa um sentimento ruim para outros surdos que estão ingressando na escola, assim essas atitudes tem que ser revista pelos agressores pela própria família deles e escola, para ter um acompanhamento de como aquele aluno está se comportando diante dos outros colegas.

E por fim, foi perguntado sobre qual a importância da associação (ASCAR) para os surdos em geral, Marcelo:

[...] Antes não tinha eles ficavam isolados os surdos, não se sentiam bem, era uma minoria, precisava tá chamando os surdos para aprender, para ensinar Libras e sinalizarem [...] Então, eu no esporte no vôlei dos surdo de Mossoró, Natal vinham surdos novos eu ficava muito orgulhoso e fui evoluindo e fiz novos amigos e interagia com eles, aprendia tendo um contato com outros surdos no vôlei, nas competições pelo RN todo eu ia [...] aqui eles ficavam isolados, não tinha essa interação [...]

Emma afirma que: *“Então no passado, quando fui visitar a ASCAR, despertei o interesse através das competições esportivas como o vôlei, também fui na comemoração do setembro azul e participei da caminhada”*.

Na resposta de Marcelo, apresenta algo que acontecia quando não existia a associação nesta cidade, mostra que os surdos se isolavam, mas com a chegada da associação e com as ações que ela colocava em prática, ajudou os surdos a saírem e conhecerem outras pessoas e lugares. Na resposta de Emma, isso fica explícito, pois foi no esporte que ela se motivou a ficar na associação. Assim como diz Gianotto e Veronese (2022, p. 6):

Quando a criança surda não tem oportunidade na escola ou na família de conviver com outras pessoas surdas, é muito importante que seja proporcionado a ela o convívio com sua comunidade surda por meio de Associações, que vão oportunizar essa criança surda a ter aquisição da Língua Brasileira de Sinais, a trocar experiências entre as famílias, se conhecer, fazer as amizades; tudo isso vai contribuir para que sua identidade e sua cultura sejam conquistadas.

Gianotto e Veronese (2022) trazem a importância da convivência dos surdos com outros surdos, e se não tem em casa o ideal é procurar nas associações. Lugar decisivo na vida dos nossos colaboradores, onde Marcelo e Emma tiveram um suporte edificante para conseguir novos amigos e lutar junto aos demais membros da associação para buscar novas conquistas. Gianotto e Veronese (2022, p. 08) ainda afirmam que: “Nos trabalhos da Associação há a troca de experiências, que são enriquecedoras para todas as gerações de pessoas surdas, pois existe uma história de vida, de lutas e de conquistas”. Essa troca de conhecimento é algo muito valioso, que vai incentivar esse grupo de pessoas a continuar a buscar seus direitos e querer se aprofundar em outras pautas sociais, isso fortalece a comunidade surda.

Com esses resultados, percebemos várias situações que ocorreram no processo de escolarização desses dois surdos. Pois Marcelo, terminou seu ensino médio na EJA, onde esse ensino já é próprio para pessoas que não conseguiram completar a escolarização no ensino regular, e para quem já tem uma idade mais avançada e deseja retornar aos estudos. Emma, passou sua escolarização na educação básica regular, sendo assim, ela teve sua jornada escolar no tempo adequado. Foi visto também a importância das associações de surdos, da família, da equipe escolar, da população em geral, pois assim faz com que os discentes surdos consigam estudar dignamente com respeito por serem surdos e que o direito de aprender seja garantido na sua língua (Libras). Que nem o bullying, nem o preconceito ou qualquer outro tipo de impedimento possam comprometer o desempenho desses alunos surdos no decorrer desse processo escolar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral analisar as vivências de escolarização dos surdos que participam da associação (ASCAR) de Caraúbas-RN, e foi possível analisar a escolarização dos dois surdos entrevistados e suas diferentes realidades.

Neste trabalho, percebemos que ambos os entrevistados passaram pela escolarização em momentos diferentes. Marcelo retornou seus estudos anos depois da idade que deveria ter finalizado esse processo, no caso, 16 anos, sendo assim, deixa explícito que no ano que deveria ter estudado, ele não teria conseguido um aprendizado digno, pois iria somente para observar professores e alunos, nesses anos não se tinha reconhecido a Libras, não existia a presença do tradutor/intérprete, sendo assim ele retornou seus estudos anos depois para estudar o EJA, tendo uma escolarização mais recente e por já ter uma idade mais avançada ele já tinha experiência, e por isso a sua escolarização se tornou mais acessível naquele momento, por ter o intérprete não de imediato, mas poucos dias depois de entrar na escola, por se impor diante das dificuldades encontradas e também porque a EJA é próprio para pessoas que não tiveram sua escolarização no tempo certo e desejam voltar a estudar anos depois.

Já Emma, apesar de já ter a Libras reconhecida, teve uma escolarização inacessível linguisticamente, ela teve que estudar sem intérprete e passar por situações mais complexas em relação às dificuldades dentro do ambiente escolar. Com isso foi possível analisar, relatar e constatar as vivências no processo de escolarização dos surdos que participam da associação (ASCAR) de Caraúbas-RN, e poder entender um pouco o papel desta associação no desenvolvimento de ações para participação na sociedade.

Foi constatado que os surdos ainda passam por dificuldades e situações constrangedoras como bullying e o preconceito nas escolas mesmo sendo entre os anos de 2017 a 2023. Mesmo a Libras sendo a língua dos surdos, eles passaram um tempo sem a comunicação por meio desta no contexto escolar, pois por um período não teve o intérprete, que os professores não sabiam Libras, os materiais utilizados não tinha adaptações para os surdos, as provas eram a mesma para todos, sendo tradicionais provas escritas que alguns colegas de escola também não sabiam se comunicar com eles, mas que apesar disso, o fato de ter o intérprete, foi algo que amenizou o processo de escolarização deles.

Foi constatado também que as associações contribuem com a formação pessoal e acadêmica dos surdos para se comunicar, aprender, fazer novos amigos, participar de competições esportivas, registrar os acontecimentos da comunidade surda, que lá eles podem se encontrar e abordar vários assuntos, lutar pelas suas pautas, dá mais visibilidade para essa comunidade, pois eles participam e organizam vários eventos.

Ficou perceptível, que o não saber Libras quando se têm surdos em sala de aula, prejudica a interação com o surdo, limita o seu acesso às informações/conhecimentos e, conseqüentemente, ele terá dificuldade de aprendizagem. E também complica a relação de

toda a classe e escola, pois a comunicação do aluno surdo será somente com o intérprete, a atenção dele, geralmente, vai se concentrar no intérprete, pois é ele que vai conseguir entender e repassar as informações para as outras pessoas. É pertinente ter nas escolas, eventos sobre a comunidade surda, para que os estudantes surdos se sintam, realmente, incluídos na escola, para que eles vejam que sua cultura está sendo valorizada pelos professores, colegas e também para os familiares dos alunos. Momentos para ele poder compartilhar as conquistas da comunidade surda, interagir e aprender em Libras. As escolas necessitam de materiais para os surdos, livros, jogos que a Libras seja incluída na grade curricular do ensino e que mais escolas bilíngues possam ser criadas.

Espera-se que esse trabalho contribua com a comunidade surda em: divulgando o excelente trabalho das associações; para reafirmar a relevância da disciplina de Libras na grade curricular nas escolas públicas do Brasil; criação de escolas bilíngues; aumenta a oferta de cursos de Libras, para incentivar as pessoas que desconhecem essa língua, buscar conhecê-lá; para que valorizem essa comunidade e a língua utilizada por ela; assim, ajudará no processo de escolarização das gerações futuras.

Pretendemos, futuramente, aprofundar mais essa pesquisa, para deixar mais detalhado o processo de escolarização dos surdos que são integrantes da ASCAR, para ter mais trabalhos sobre essa comunidade local, pois ficou perceptível que muito já foi realizado, mas que ainda há muitas lutas.

Apesar das lutas que a comunidade surda e por todos que participam dela, enfrentam, vemos que ainda faltam alguns direitos a serem garantidos, como por exemplo ter em sala de aula os tradutores/intérpretes, que, as vezes, demoram a serem contratados, materiais escolares adaptados para surdos, em ambientes como o comércio, eventos, muitas vezes faltam profissionais que saibam se comunicar em Libras, ter eventos voltados para a comunidade surda, principalmente no mês de setembro, pois se comemora o Setembro Azul. Para que, com isso, os surdos possam ter uma escolarização de qualidade desde a infância, porque quando mais cedo se inicia o processo de aquisição da língua, interage com outros surdos e aprende através da Libras, melhor será o resultado.

8 REFERÊNCIAS

ACADEMIA DE LIBRAS. **Ernest Huet – O Homem Que “Inventou” a Libras.** 23 Dez 2019. Disponível em: <<https://academiadelibras.com/blog/ernest-huet/>> Acesso em: 24/10/2024.

BRASIL. Constituição 1988, Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 4 abr. 2024.

BRASIL. Decreto Nº. 5.626, de 22 de dezembro de 2005, Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF. 2005. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em: 4 abr. 2024.

BRASIL. Decreto Nº 11.793, de 23 de novembro de 2023, Institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Novo Viver Sem Limites. Brasília, DF. 2023. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/d11793.htm> Acesso em: 11 abr. 2024.

BRASIL. Lei Nº. 5.626/05, de 7 de julho de 2008, Lei da Inclusão, Brasília, DF. 2008. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em: 4 abr. 2024.

BRASIL. Lei Nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF. 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em: 4 abr. 2024.

BRASIL. Lei Nº. 10.436, de 24 de Abril de 2002, Lei de Libras (Língua Brasileira de Sinais), Brasília, DF. 2002. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm> Acesso em: 4 abr. 2024.

BRASIL. Lei Nº. 14.191, de 3 de agosto de 2021, Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília, DF. 2021. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/14191.htm> Acesso em: 4 abr. 2024.

BRASIL. Lei Nº. 14.704, de 25 de outubro de 2023, Lei do Tradutor Intérprete de Libras (Língua Brasileira de Sinais). Brasília, DF. 2023. Disponível em: <

BRASIL. Lei Nº. 14.811, de 12 de janeiro de 2024, Institui medidas de proteção à criança e ao adolescente contra a violência nos estabelecimentos educacionais ou similares, prevê a Política Nacional de Prevenção e Combate ao Abuso e Exploração Sexual da Criança e do Adolescente e altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), e as Leis nºs 8.072, de 25 de julho de 1990 (Lei dos Crimes Hediondos), e 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente). Brasília, DF. 2024. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/114811.htm> Acesso em: 13 jul. 2024.

GIANOTTO, Adriano; VERONESE, Liliam. A importância de uma associação para construção e formação da cultura surda. **Revista Direitos Humanos e Democracia**. p. 1-13, Jul./Dez. 2022.

GIL, Antonio. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora ATLAS S.A. 2002. 176 p.

GUEDES, Betina. Educação de surdos: percursos históricos. In: LOPES (org.). **Cultura Surda e Libras**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2012. p. 11 - 27.

INSTAGRAM. **Associação de Surdos de Caraúbas - ASCAR**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/associacaodesurdosdecaraubas?igsh=MWwwYWkwdG85emJza>> Acesso em: 24/10/2024.

KRAEMER, Graciele. Identidade e cultura surda. In: LOPES (org.). **Cultura Surda e Libras**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2012. p. 138 - 153.

LOPES, Maura. Escola bilíngue para surdos. In: LOPES (org.). **Cultura Surda e Libras**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2012. p. 235 - 251.

MACEDO, Carolainne Dayane da Silva. A libras no empoderamento da comunidade surda caraubense: aprendizagens e relatos sinalizados. 2023. 61 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras Libras, Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Caraúbas, 2023.

OLIVEIRA, V. C. C. **Contextualização e resgate da chegada da lei de Libras em Caraúbas**. 2021. 49 f. Monografia (Graduação em Letras-Libras) - Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Caraúbas, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufersa.edu.br/server/api/core/bitstreams/e6234678-66e0-4c5b-bf1c-966707226ea7/content>> Acesso em: 28 out. 2024.

PERLIN, G.; STROBEL, K. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 17-31. Editora UFPR.

PREFEITURA DE CARAÚBAS-RN. História de Caraúbas. Disponível em: <<https://www.caraubas.rn.gov.br/historia-de-caraubas/>> Acesso em: 27 jun. 2024.

SOLUTUDO. Sindspumc (Sindicato dos Servidores Públicos de Caraúbas-RN). Disponível em: <<https://www.solutudo.com.br/empresas/rn/caraubas/sindicatos/sindspumc-12301458>> Acesso em: 17 abr. 2024.

SPONCHIADO, Denise; TOSO, Carine. Os intérpretes de libras: uma investigação. In: LOPES (org.). **Cultura Surda e Libras**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2012. p. 57 - 77.

STROBEL, Karin Lilian. **Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História**. Florianópolis, 2008. Tese de Doutorado em Educação – UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

THOMA, Adriana. Representações sobre os surdos, comunidades, cultura e movimento surdo. In: LOPES (org.). **Cultura Surda e Libras**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2012. p. 154 - 180.

UFERSA. História do Campus Caraúbas-RN. Disponível em: <<https://caraubas.ufersa.edu.br/historia-do-campus/>> Acesso em: 23 abr. 2024.

WIKIPÉDIA. Charles-Michel de l'Épée. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Charles-Michel_de_l'Épée> Acesso em: 24/10/2024.

ZANELLA, Liane. **Metodologia da pesquisa**. 2 ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2011. 134 p. Disponível em: <<https://www.atfcursosjuridicos.com.br/repositorio/material/3-leitura-extra-02.pdf>> Acesso em: 12 Mar. 2024.

9 APÊNDICE - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Presidente da ASCAR ou um representante:

Localização da ASCAR:

Ano de fundação:

Presidente atual:

Vice-presidente atual:

1- Como foi o processo de criação da ascar? Narre um pouco da história da ASCAR.

2- Quais as ações que acontecem na ASCAR?

3- Como é o planejamento das ações que acontecem na ascar?

4- Quantos surdos frequentam a ASCAR?

5- Há ouvintes na ascar? Quantos?

6- Quantos presidentes e vice já passaram pela ASCAR?

7- Há algum financiamento por parte de empresas para ASCAR ou até mesmo a prefeitura local?

8- Quais os desafios e projetos futuros da associação?

Integrantes da ASCAR:

Nome fictício:

Idade:

Sexo:

Escolaridade:

Ano de conclusão do ensino fundamental 1:

Ano de conclusão do fundamental 2:

Ano de conclusão do ensino médio:

Ano de conclusão do ensino superior:

Cidade em que estudou o ensino fundamental 1:

Cidade em que estudou o ensino fundamental 2:

Cidade em que estudou o ensino médio:

Cidade em que estudou o ensino superior:

- 1- Como foi seu processo de escolarização?
- 2- Nas escolas em que estudou havia intérprete em sala de aula? Se sim, como era que eles(as) lhe ajudavam? Somente na hora da aula ou em outro momento ele(a)s estudavam com você?
- 3- Os professores(as) sabiam libras? Como era essa comunicação?
- 4- E seus colegas sabiam libras? Como era essa comunicação?
- 5- Você passou por alguma dificuldade, incômodo (bullying (físico ou psicológico), preconceito) durante o período em que estava estudando? Se sim, por quem? Por colegas de sala ou funcionários da escola? Quais tipos de dificuldades e incômodos?
- 6- Você acha que ainda há essas dificuldades, incômodo (bullying (físico ou psicológico), preconceito) nas escolas ou mudou alguma coisa? Se mudou, quais mudanças você acha que ocorreu?
- 7- Você costumava contar para seus pais o que acontecia na escola? Como eles reagiam?
- 8- Quais as metodologias os professores utilizavam?
- 9- Como provas e atividades Como eram realizadas?
- 10- Como você se sentiu durante seu período de escolarização?
- 11- Qual a importância da associação (ascar) para você e os surdos em geral?

10 ANEXO

MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Prezado (a),

Este é um convite para você participar da pesquisa intitulada: **VIVÊNCIAS SOBRE O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO: RELATOS DOS SURDOS DA ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE CARAÚBAS (ASCAR)**. Esta é coordenada pela graduanda em Letras-Libras, Jaiza De Oliveira Moura e orientada pelo professor(a) Mifra Angélica Chaves Da Costa. A sua participação é voluntária, o que significa que poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Essa pesquisa tem como objetivo geral: Analisar as vivências de escolarização dos surdos que participam da associação (ASCAR) de Caraúbas-RN. O(a) prezado(a) participante será submetido a uma entrevista, seu nome será preservado neste e/ou em outros trabalhos. A entrevista não terá nenhum caráter invasivo, ou que atente à sua moral. Você ficará com uma via deste Termo e toda dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para Jaiza, pelo telefone (84) 9 9945-8058 ou, a(o) professor(a) Mifra, pelo telefone 84 9 8824-4671.

Consentimento Livre e Esclarecido:

Declaro que compreendi os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada, os riscos e benefícios envolvidos e concordo em participar voluntariamente da pesquisa: **VIVÊNCIAS SOBRE O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO: RELATOS DOS SURDOS DA ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE CARAÚBAS (ASCAR)**.

Participante da pesquisa ou responsável